



HAL
open science

Relatório da expedição realizada na região do rio Pirawiri / Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque nos dia 12-30 de janeiro de 2010

François-Michel Le Tourneau

► **To cite this version:**

François-Michel Le Tourneau. Relatório da expedição realizada na região do rio Pirawiri / Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque nos dia 12-30 de janeiro de 2010. [Research Report] CREDA. 2010. hal-00570556

HAL Id: hal-00570556

<https://hal.science/hal-00570556v1>

Submitted on 28 Feb 2011

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

**Relatório da expedição realizada na região
do rio Pirawiri / Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque
nos dias 12-30 de janeiro de 2010**

François-Michel Le Tourneau

1. Antecedentes

A proposta de exploração da bacia do rio Cuc, antiga área de moradia de grupos Wajãpi hoje localizados em grande parte na Guiana francesa, nasceu inicialmente da proposta de alguns líderes Emerillon e Wajãpi da Guiana do Alto Oiapoque de reabrir o “caminho dos Wajãpi”, trilha de comunicação entre o Oiapoque e o Cuc, que existia até os anos 1960. Tal proposta apareceu por causa da reabertura do “caminho dos Emerillon” ligando, por sua vez, a região do Alto Oiapoque e a do Alto Maroni.

Depois de alguns contatos e encontros feitos em Macapá, esse projeto inicial foi modificado em benefício de uma exploração da porção da bacia do rio Cuc que era ocupada pelos Wajãpi até o final dos anos 1960. Várias razões concorreram para tal fato. Em primeiro lugar, dispúnhamos de um pequeno orçamento e de pouco tempo para fazer a expedição, e o caminho até a Guiana francesa podia ser muito longo. Era melhor ir por partes e começar a conhecer a região do Cuc, que fica no meio do caminho, antes de pensar em fazer o percurso todo. Em segundo lugar, mesmo que tenham emitido a idéia inicialmente, as populações Wajãpi do Oiapoque não aprovaram formalmente a idéia e há sinais de que são na verdade reticentes, por temer que os garimpeiros possam aproveitar-se de tal trilha. Por fim, o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque também ressaltou que a abertura de uma trilha atravessando o parque inteiro poderia implicar em mais dificuldade para o controle do Parque, enquanto uma visita na área do rio Cuc, a partir da T.I. Wajãpi, não apresentava problema nenhum. Por essas razões, definimos os objetivos da expedição principalmente em função da exploração da região do Cuc, deixando num segundo plano por enquanto a questão da conexão com a Guiana francesa.

Em termos gerais, os objetivos iniciais da expedição eram portanto de localizar pontos importantes do ponto de vista histórico bem como de fazer um registro do percurso geográfico dos antigos caminhos dos Wajãpi. Em termos específicos, os objetivos da expedição eram mais variados. Do lado das lideranças Wajãpi, o objetivo era explicitamente de resgatar a memória de um percurso e de lugares que tiveram grande importância no passado, sendo inclusive os lugares onde nasceram algumas das lideranças mais velhas. Percorrer de novo o caminho era uma oportunidade de lembrar esses lugares, de registrá-los, mas também de mostrá-los aos mais jovens, que nunca frequentaram tais regiões.

Do lado dos pesquisadores e do Iepé, o objetivo era de participar de uma experiência de reencontro com fragmentos da história dos antigos Wajãpi, e sua valorização no contexto atual de afirmação política e cultural desse grupo. Ao mesmo tempo, os dados levantados deviam permitir uma nova análise de várias narrativas e uma melhor interpretação de fontes históricas que mencionam os lugares que serão visitados. Com o mapeamento das localizações antigas, esperava-se entender melhor uma fase recente do processo migratório dos Wajãpi e de seus movimentos históricos relacionados ao contato.

Do lado do PNMT, finalmente, o objetivo era de contribuir a um melhor conhecimento da ocupação histórica da área do Parque e do contexto histórico-socio-cultural em que ele se insere.

2. Apoios institucionais

A expedição contou com vários parceiros institucionais e individuais. A nível institucional, participou o Parque Nacional Montanhas de Tumucumaque, que autorizou o ingresso da expedição no território do Parque e destacou a analista ambiental Marcela de Marins para participar dela. Participou também o Instituto Iepé, que ajudou intermediar a interlocução com as lideranças Wajãpi e montar a logística. Finalmente, participou o Instituto das Américas de Paris, que patrocinou a expedição, tornando-a possível.

O projeto em si era uma antiga idéia do cacique Waiwai, que expressou várias vezes o seu desejo frente à FUNAI e outros órgãos. Este coordenou a relação com a comunidade de Okakai e liderou a expedição junto com o cacique Kasiripina e com o geógrafo François-Michel Le Tourneau. Além desses, participaram onze jovens Wajãpi, todos pertencendo à família extensa do Waiwai. São eles: Kenewe, Myawa, Jawaruwa, Serete, Kobena, Wayamanã, Kuraiwara, Tyra, Moky'a, Kuritanã, e Wyrakatu.

3. Desenrolar da expedição

A expedição aconteceu em janeiro de 2010 e teve duas fases. A primeira fase desenrolou-se de 12 até 20 de janeiro. Foi uma fase preparatória, durante a qual organizamos a logística para chegar em Okakai, assim como fizemos as compras necessárias para realizar a expedição, conforme os pedidos emitidos pelos Wajãpi. Também, esse prazo era necessário para que o grupo liderado pelo Waiwai deslocasse-se de Mariry, onde estavam preparando as suas roças, até Okakai. Tendo assim tempo de folga, decidimos, em acordo com as lideranças Wajãpi contatadas pelo rádio, de passar alguns dias em Aramirã, com o objetivo de iniciar um diálogo com algumas pessoas que conheciam a região a ser explorada ou podiam providenciar elementos históricos (caciques Seremete, Sisiwa e Kasiripinã) e pensando também em finalizar os arranjos com o PNMT na base do Parque em Serra do Navio. Assim que chegamos, três jovens apresentaram-se querendo participar da expedição. Explicamos que não seria possível leva-los de avião e eles resolveram ir a pé. Ajudamos a sua viagem com algumas mercadorias que tínhamos conosco, e arranjamos para que fossem levados de carro até o Jakaré, adiantando um pouco a sua viagem. Nos dias seguintes, as conversas com as lideranças foram aproveitadas para fazer um mapa da região que iríamos visitar, tentando enriquecer o primeiro esboço realizado anos antes pelo Kasiripina a pedido da Dominique Tilkin Gallois. Durante a estadia em Aramirã o cacique Kasiripina pediu para acompanhar a expedição e foi combinado que ele poderia acompanhar a equipe no avião que a levaria até Okakai.

É digno de nota o fato de que algumas lideranças da região de Aramirã expressaram reticências em relação a nossa expedição, por temer que ela possa abrir um caminho que, em seguida, seria usado facilmente para os Wajãpi do Oiapoque para visitarem os seus parentes do Brasil. Temia-se, nessa hipótese, que problemas sociais afetando os Wajãpi do Oiapoque (dentre deles o uso de maconha por parte dos jovens) possam afetar também os do Brasil, por causa dessa comunicação. A oposição se desarmou quando explicamos que nós não iríamos mais percorrer o caminho até o Oiapoque, mas que tínhamos decidido conhecer só a região do Cuc, por justamente pensar que ainda não tinha consenso entre os Wajãpi em relação à possibilidade de reabrir uma via de comunicação direta até a Guiana francesa.

A segunda fase, que foi a expedição em si, aconteceu entre os dias 20 e 30 de janeiro. No dia 20, viajamos com o piloto Edmilson para Okakai, saindo da pista de Pedra Branca do Amapari. O voo correu muito bem e o estado da pista de Okakai, onde nenhum avião tinha pousado por pelo menos dois anos, foi uma boa surpresa. A pista era perfeita e o piloto negociou a aterrissagem sem dificuldade, saindo em seguida depois de ter combinado vir

buscar a equipe de volta. Encontramos imediatamente com os jovens que tinham saído uns dias antes de Aramirã, que tinham chegado pouco antes. Instalamos logo as nossas coisas e trabalhamos de novo com o Waiwai e o Kasiripina para conferir o mapa preparado em Aramirã.

Apesar das informações deste serem corretas em geral, vários erros no detalhe fizeram com que resolvemos desenhar outro mapa (veja seção 6.), desta vez mais compatível com a realidade. Depois desse exercício de primeira importância, passamos a organizar a viagem em si. O cacique Waiwai já tinha feito todos os arranjos com o pessoal, tendo pedido a 11 rapazes da sua família extensa para acompanharem a gente. Sendo assim, só faltava repartir os mantimentos e distribuir o material para a expedição, o que foi feito rapidamente. Em seguida, combinamos para sair cedo o dia seguinte.



Foto 1: participantes da expedição (de esquerda para a direita e de cima para baixo: Kenewe, Myawa, Jawaruwa, Serete, Kupena, Wayamanã, Kuraiwara, Tyra, Moky'a, Wyrakatu, Kuritanã, Kasiripina, Waiwai, François-Michel Le Tourneau e Marcela de Marins).

O primeiro dia de viagem nós levou até a picada da demarcação entre a área Wajãpi e o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque. Percorremos a trilha que é usada para limpar a divisa a cada três ou quatro anos, se bem que a viagem foi tranqüila, apesar de atravessar duas montanhas. À noite montamos o primeiro acampamento, no lugar denominado Kaiwa, e planejamos buscar no dia seguinte o lugar do antigo acampamento Sipety, que era uma parada importante no caminho usado nos anos 1960 para ligar as comunidades do Ku'i e as do Inipuku.

Infelizmente o segundo dia não foi tão proveitoso quanto esperado pois a nossa caminhada foi muito mais lenta do que esperávamos. De fato, mesmo que permaneça muito nítida, a picada da demarcação está coberta de um denso sub-bosque que complica bastante a progressão. Depois de mais de 6 horas de caminhada abrindo a trilha, resolvemos eleger um lugar para o acampamento, e sair sem carga para procurar algum sinal do antigo caminho. A

busca não deu resultado, e decidimos mudar a estratégia para o dia seguinte. Em vez de procurar pela trilha, que podia ser até impossível de reconhecer, achamos melhor buscar as nascentes do rio Ku'i, ao longo do qual várias aldeias existiram. Acampamos no lugar que foi batizado Kwamã por causa da presença nas proximidades de bambu dessa espécie.

No terceiro dia, saímos sem carga à procura do rio Ku'i, que tentamos identificar nos dados de hidrografia do PNMT. Usamos o GPS e a bússola para nos guiar. Num primeiro momento, tivemos expectativas grandes, especialmente porque descobrimos o primeiro rastro de uma ocupação indígena antiga na área, na forma de uma árvore da qual foi extraído mel, usando uma técnica que era sem dúvida a dos Wajãpi (foto 2). No entanto, não foi possível ao cacique Waiwai reconhecer a área das nascentes do rio Ku'i, nem várias confluências que passamos a seguir. Resolvemos portanto começar a abrir um caminho direto até o rio Pirawiri, porque a identificação dele nos nossos dados geográficos não sofria nenhuma dúvida e porque assim estaríamos próximos de vários sítios antigos. Abrimos alguns quilômetros de trilha e voltamos ao acampamento Kuamá.



Foto 2: árvore da qual foi extraído mel achado no dia 2.

No quarto dia, saímos de manhã com carga completa e chegamos ao lugar onde tínhamos parado o dia anterior. Continuamos a abrir a trilha até o lugar que foi batizado Javicai, onde uma parte da turma montou o acampamento enquanto outra parte continuou a abertura da trilha. Como no dia anterior, usamos o GPS e a bússola para nós guiar rumo ao Pirawiri, seguindo a margem esquerda do igarapé que ainda pensávamos que fosse o Ku'i. A progressão foi muito lenta, devido à presença de ladeira íngremes na área (apesar de localizar-se fora da zona montanhosa), mas também devido ao fato que tivemos que atravessar várias áreas de mato muito fechado dentro do qual a abertura da trilha foi bastante sofrida.

No quinto dia, saímos de manhã com carga, alcançamos o ponto onde tínhamos parado o dia anterior e continuamos rumo à confluência entre o igarapé que estivemos seguindo e o Pirawiri. Infelizmente, a foz do rio, muito difícil de ser localizada por estar escondida num imenso açazal e por o Pirawiri contar com vários braços nessa região, não foi reconhecida pelo Waiwai nem pelo Kasiripina. Montamos o acampamento perto do lugar da confluência (chamado de Ypané Nymea ou Jakaréwa) e o Waiwai passou a tarde procurando entender o lugar. Só no final da tarde conseguimos melhorar o entendimento da situação. Descobrimos que o igarapé que tínhamos beirado desde a divisa não era o Ku'i (que teremos que localizar melhor em futuras expedições, suspeita-se que o Ku'i seria na verdade o curso superior do Pirawiri) e sim o Ypané. A partir desse entendimento, esclareceram-se muitos outros detalhes e pudemos fazer uma correspondência melhor entre o mapa desenhado no início da expedição e os dados geográficos disponibilizados pelo PNMT. Foi decidido que o dia seguinte seria consagrado à exploração do Pirawiri a jusante, no intuito de descobrir a localização da antiga aldeia Parapisinã.

No sexto dia, saímos cedo e avançamos no sentido oeste. Conseguimos identificar o igarapé Teposity antes de chegar perto da confluência entre o Pirawiri e seu afluente de margem direita chamado Myrokory. Chegando perto do Myrokory, identificamos o túmulo do Peru (veja história abaixo), e depois multiplicaram-se as marcas de ocupação: árvores furadas para catar mel, árvore Tawari com a casca arrancada para confeccionar cigarros, marcas de facão nas cascas das árvores, e, enfim, restos de roça (truncos carbonizados no chão) e um ambiente florestal completamente diferente, com poucas árvores grossas e uma abundância muito grande de açai e bacabeira, anormal numa área situada bem em cima do barranco. Era o lugar da aldeia Parapisinã, que o Waiwai conseguiu identificar sem dúvida. Toda a turma

ficou muito feliz que tenhamos conseguido achar esse lugar, que confirmava perfeitamente os relatos dos antigos em relação à sua posição.



Fotos 3,4,5: as marcas de ocupação na região da antiga aldeia Parapisinã (arvore Tawari com casca arrancada para confeccionar cigarros, fragmento de carvão oriundo da queimada de roças, marcas de facão na casca de uma arvore).

À noite, ficamos divididos sobre o que fazer. Por um lado, ainda sobrava um pouco de tempo antes da nossa retirada, e queríamos avançar até o sítio de Maripa ytu, cachoeira famosa que permitiria amarrar melhor ainda os relatos que colhemos com os dados geográficos. Mas do outro lado, tínhamos que considerar o fato de que o estoque de farinha já começava minguar, e também o estado de cansaço de alguns membros da expedição, especialmente o Waiwai que tinha dado muito de si abrindo as trilhas horas a fio. Temendo que uma volta apressada demais possa resultar em algum acidente, resolvemos encerrar a expedição e começar a viagem de volta já no dia seguinte.

No sétimo dia, começamos a regressar. Alcançamos o acampamento da demarcação num só dia, mostrando o quanto trilhas abertas aceleram as caminhadas. O percurso, no entanto, foi bastante longo e penoso para vários membros da nossa turma. Quando passamos o acampamento Kwamã, todos fizeram uma pausa e foram buscar bambus para fazer as flautas para a festa que planejavam na nossa volta. O dia seguinte, regressamos da demarcação para a aldeia de Okakai. Já tinha muito caxiri pronto e logo depois da chegada começou uma festa de flautas em honra da expedição, que continuou boa parte da noite.

No dia 29 de janeiro, em Okakai, realizamos uma reunião para finalizar a expedição e conversar da relação entre o PNMT e a região de Okakai. Foi notadamente sugerido que o Parque considerasse a possibilidade de ter na aldeia uma base de apoio para as suas atividades científicas e ajudasse por isso à limpeza da pista de pouso. À tarde revisamos o mapa elaborado no primeiro dia com as lideranças Waiwai e Kasiripina, e coletamos mais relatos sobre a ocupação da região do Kuu. No dia seguinte, 30 de janeiro, o avião voltou e retirou da área os dois pesquisadores brancos e o cacique Kasiripina. A tarde deixamos o Kasiripina no Aramirã, junto com gasolina para facilitar a descida dos jovens do Aramirã que tinham se juntado a nós no início da viagem. A expedição estava encerrada.

Vários fatos devem ser ressaltados no final dessa narração. Em primeiro lugar, deve-se dizer que os trabalhos transcorreram num clima de franca amizade e confiança que foi muito agradável, acreditamos, para os dois lados. A organização logística combinada entre o Iepé, o PNMT e o pesquisador François-Michel Le Tourneau permitiu trabalhar em ótimas condições, tendo sido as comunicações muito bem manejadas entre a área e a equipe de pesquisa para estabelecer o cronograma ou adequar-se às circunstâncias. Durante a expedição, o acordo firmado com o PNMT foi muito bem seguido pelos Wajãpi que, apesar da grande quantidade

de munição disponível se limitaram a caçar só o que era necessário para a alimentação da turma.



Foto 6: a pista de pouso de Okakai.

4. A migração dos Wajãpi e a ocupação da região do Cuc: elementos de situação.

A presença dos Wajãpi na região que eles ocupam hoje é o resultado de um amplo movimento de migração ocorrido desde o século XVIII. Durante esse período, o grupo formador dos atuais Wajãpi deslocou-se em mais de 700 km, saindo da região do Baixo Xingu (região de Volta Grande, perto da cidade atual de Altamira) para chegar no rio Oiapoque após várias etapas, notadamente na foz do rio Paru. Extrairemos a seguir elementos importantes do elaborado trabalho de Dominique Tilkin Gallois (1986), que permite ter uma visão clara da maneira com que chegaram ao território do estado do Amapá.

Três ondas teriam chegado sucessivamente, explicando a configuração dos grupos Wajãpi até os anos 1970. A primeira onda chegaria mais longe, alcançando o rio Oiapoque já no século XIX. Nesse período, os seus membros começam a ter contatos com os Franceses. Por consequência desse contato, epidemias dizimam o grupo, que acaba se dividindo, uma parte se misturando com os Wayana do Oiapoque, outra voltando atrás rumo ao Alto Oiapoque e acabando se juntando ao grupo que ocupava o rio Cuc.

Esse segundo grupo representaria a segunda onda de migração, chegada logo atrás da primeira, alcançando o rio Jarí no final do século XVIII. Durante o século XIX, ele sobe para a área do rio Cuc, afluente de margem esquerda do Jarí, e permanece lá até os anos 1960. A terceira onda proveniente do Xingu alcança o curso médio do Jarí no final do século XIX, se firmando em seguida na região do rio Inipuku e até o Alto Araguari.

As relações entre os diferentes sub-grupos não eram simples. Entre os dois primeiros, elas ficavam bastante distantes até meados do século XX. Neste momento, elas intensificam-se, tanto porque o grupo do Oiapoque tinha sofrido grande abalo demográfico, buscando então uma maneira de se reforçar, como em consequência dos esforços do médico francês Heckenroth, que queria contatar os Wajãpi do Cuc e incentivou os do Oiapoque a retomar contato com eles. Nessa relação, os Wajãpi do Cuc acabaram também fragilizados. Eles aceitaram, portanto, estabelecer maiores contatos com os Wajãpi localizados mais ao sul, ao longo do curso superior do Inipuku ou no Alto Amapari.

As políticas indígenas da Guiana francesa e do Brasil foram de grande impacto para a geografia dos Wajãpi durante os anos 1960 e 1970. Do lado da Guiana francesa, várias

disposições favoráveis aos Índios induziram uma migração progressiva do grupo do Cuc para o Oiapoque, terminada já em 1970. Dentre outros fatores, a assistência de saúde existente em Camopi foi bastante importante. Ao mesmo tempo, a situação na região do Cuc era difícil, com a penetração de frentes de caçadores de peles e de garimpeiros, e a repetição de epidemias ligadas a essas invasões, que dizimavam as aldeias. Nem todos os Wajãpi do Cuc, no entanto, foram para o Oiapoque. Com efeito, um outro grupo menor, liderado pelo cacique Sarapó, instalou-se no Alto Jarí, perto da pista Molocopote, incentivado por oficiais da Força Aérea Brasileira (FAB).

Na região do Inipuku, as mudanças aconteceram na década de 1970. Devido à construção da Perimetral Norte, a FUNAI iniciou um plano de contato com os Wajãpi, com a finalidade de tirá-los da área que a estrada atravessaria (isto é, a região do Inipuku), e agrupá-los na proximidade de um único posto indigenista. Depois de um tempo, tal concentração acabou tornando-se insustentável para os Wajãpi, que resolveram dispersar-se de novo no seu território tradicional. Percebendo então melhor o grande perigo de perder este espaço, eles foram organizando-se no plano político, conseguiram por fim em 1996 o reconhecimento como “Terra Indígena Wajãpi” da demarcação que eles mesmos fizeram.

Esses rápidos elementos históricos permitem situar melhor as informações levantadas durante a nossa expedição. Essa focalizou-se sobre a localização das antigas aldeias que ocupavam a área do rio Cuc até os anos 1970, e sobre a materialização dos itinerários que ligavam essas com as outras regiões. Vários detalhes confirmaram ou detalharam o quadro geral que acabamos de desenhar. Assim, informantes mais antigos puderam lembrar a retomada das relações entre os Wajãpi do Cuc e os Wajãpi do Inipuku durante os anos 1940 ou 1950. Contam eles que os primeiros encontros foram difíceis, cada grupo temendo uma possível agressão do outro. Segundo relatos, os primeiros Wajãpi do conjunto Inipuku/Amapari que foram visitar as aldeias dos Wajãpi do Cuc descobriram coisas que ainda não conheciam, tal como o sal ou os espelhos (veja história do pai do Sisiwa abaixo). Ao contrário, eles trocaram contra esses bens e outras mercadorias (que os Wajãpi do Cuc conseguiam tanto do pessoal do Oiapoque quanto dos Wayana e dos Apalaí do Alto Jarí, com quem comerciavam) penas e artefatos tradicionais, mas também cultivos de importância, como a pupunha, aparentemente ausente das aldeias do Cuc antes. Testemunha dessa intensificação das relações entre a região do Cuc e a região do Inipuku, casamentos foram realizados. Pode-se citar o caso do pai do Sisiwa, aparentemente um dos desbravadores do contato com os grupos do Cuc, ou o caso do líder Waiwai, cuja esposa origina-se da bacia do Cuc e que passou vários anos nessa região por causa do seu casamento. A saída do cacique Pina para a Guiana francesa também foi lembrada, assim como visitas do antropólogo francês Pierre Grenand. Por fim, as informações jogam uma luz nova nas redes de relações existentes desde o Oiapoque até o Inipuku, desvendando as etapas dos caminhos que ligavam esses dois conjuntos, atravessando to a área Wajãpi do rio Cuc.

5. Elementos coletados em campo

Os Wajãpi reconhecem uma categoria de organização sócio-territorial maior do que as aldeias, chamada de *wanã*. Os Wanãs agrupam conjuntos de famílias que compartilham ou compartilharam a ocupação de uma região e relações de parentesco, e definem os indivíduos, que são considerados como pertencendo a um wanã mesmo que este tenha parado de existir de fato. Pode-se dizer que, de um lado, os wanãs espelham a organização político-territorial dos Wajãpi num determinado período e que, de outro lado, coletando os wanãs de origem das gerações mais antigas, é possível reconstituir configurações passadas. As ondas de migração descritas anteriormente são assim compostas de vários wanãs, cuja constituição e localização evoluíram com o passar do tempo. Por exemplo, os Wajãpi que ocuparam a área do rio

Inipuku e afluentes podem ser divididos em pelo menos três *wanãs* diferentes, o do Karapanaty (correspondendo às aldeias ocupando o curso inferior do Inipuku e seus afluentes), o do Inipuku (correspondendo às aldeias da parte superior do rio do mesmo nome) e o do Amapari (correspondendo às aldeias presentes na região do Alto Amapari).

Da mesma forma, dois *wanãs* diferentes ocuparam a área do rio Kuu (nome do rio Cuc para os Wajãpi), o Kuruwapi (ou Kuu) *wanã* e o Pirawiri *wanã*. Cada um sendo uma unidade funcional cujos membros compartilham as moradias (mesmo que tenha várias aldeias envolvidas) e os movimentos migratórios, descreveremos a seguir a ocupação da área por cada um dos dois *wanãs*.

O Kuruwapi wanã

Num passado remoto (início do século XX?), os membros do Kuruwapi *wanã* ocupavam a área do igarapé Arapuru ry (afluente de margem esquerda do curso superior do rio Kuu). Essa região é considerada hoje como a de origem do *wanã*. Na aldeia Arapuru ry morou o cacique Saky, numa época em que era jovem e ainda não era cacique. Depois dessa, o grupo ocupou a aldeia Muturim, ainda no igarapé Arapuru ry, mas a jusante da primeira, sob a liderança do cacique Tamo Sivé. Este tinha nascido no Yyka, afluente do Etonewaka, mostrando que contatos entre os Wajãpi do Inipuku e o Kuu *wanã* talvez existiam antes da retomada “oficial” que comentaremos a seguir. Do igarapé Arapuru ry, os membros do grupo passaram a ocupar a região do igarapé Taperewary, onde fizeram muitas aldeias (o que sem dúvida deu o nome do igarapé). O irmão mais velho do Waiwai chegou a conhecer uma delas (anos 1930-40?). Passaram depois a ocupar a margem do igarapé Karekarety, afluente de margem direita do curso superior do rio Kuu, sob a liderança do cacique Maruke. Após a morte deste, a aldeia é abandonada e o grupo instala-se um pouco abaixo no mesmo. O nome dessa nova aldeia não foi lembrado, mas lembraram que o sogro do Waiwai, Keratyty morreu ali. Depois de um tempo, foram deslocando-se de novo para a beira do rio Kuu, na aldeia chamada Jakarejoka. Nova mudança acontece depois, sob a liderança do cacique Tataepy, para o igarapé Kenay, afluente de margem direita do Kuruwapi. Enquanto estavam morando nessa aldeia, acontece um fato estranho numa aldeia próxima chamada Ewarakury, onde toda (ou boa parte) da população morre repentinamente, como se tivessem sido envenenados ou tivessem-se suicidado.

Após o Kenay, o Kuu *wanã* desloca-se para o igarapé Kwamary. Foi neste lugar que o Waiwai, que era jovem, casou com a sua primeira esposa (ver história dela mais abaixo). Enquanto ocupavam essa aldeia, uma epidemia vindo do Oiapoque os assombrou, deixando muitos mortos, dentro deles o cacique Tataepy e as suas esposas. Esse evento determina a divisão do grupo, segundo os nossos informantes porque eram muito numerosos e não conseguiam dividir a caça igualmente, sem dúvida também por razões políticas. Parte dos moradores funda uma nova aldeia em Diropykwere, a beira do Kuruwapi. Ela era liderada pelo cacique Kusipuru, filho do cacique Saky. Sisiwa casou com uma filha dele, e tem hoje netos do Kusipuru no Aramirã. A outra parte da população de Kwamary tapere cria a aldeia de Kwatrarejoka (a beira do igarapé do mesmo nome), liderada pelo cacique Pina. Kwatrarejoka tapere era grande, o antropólogo francês Pierre Grenand chegou a conhecê-la. As duas aldeias ficavam muito perto, o que pode ser interpretado como o sinal de que a tensão entre as duas partes não devia ser muito grande.

Em seguida, as duas aldeias efetuam movimentos migratórios paralelos. O grupo liderado por Kusipuru passa para a aldeia Tukamogea tapere (a beira do igarapé Tukamogea), onde morre o cacique. Em seguida vão para a aldeia Jasitay ytu (perto da cachoeira desse nome no curso inferior do Kuruwapi), liderados pelo novo cacique Tupi. Enquanto isso, a aldeia do cacique Pina se desloca para um novo sítio chamado Kuruwapi tapere, localizada próxima à confluência do Kuruwapi e do Kuu. É dessas duas aldeias que saem no final dos

anos 1960 rumo a Guiana francesa, seguindo o convite feito tanto pelo *wanã* do Oiapoque quanto pelas autoridades francesas.

É importante frisar que, durante toda a história do Kuu *wanã*, este outro *wanã* sempre ocupou a parte leste da região. Seus membros fundaram várias aldeias, que localizamos no mapa produzido junto com os Wajãpi. Num passado bastante distante, ocupavam a região do igrapé Okorayry, afluente de margem direita do curso superior do rio Kuruwapi. Depois criaram a aldeia Uruary, no igrapé do mesmo nome, afluente de margem esquerda do curso superior do Kuruwapi. Essa aldeia foi visitada pela expedição francesa de 1947 (Aubert de la Rue, 1950), tendo na época uma população de 30 pessoas. Posteriormente deslocaram-se para Kwamata tapere, aldeia localizada na bacia do Oiapoque e mais facilmente acessível de canoa. Em seguida seguiram para E'Tosansen, na região de Trois Sauts.

O caminho que os membros do Kuu *wanã* usavam para visitar a área do Oiapoque reflete a localização dessas aldeias. Saindo das aldeias do baixo Kuruwapi ou de Kwatrarejoka, os viajantes pernoitavam primeiro num lugar chamado Akaramanoa, localizado a beira do Kuruwapi. Em seguida pernoitavam em Seweripe, depois em Pinju, ambos lugares a beira do Kuruwapi. Chegava-se então no lugar da aldeia Uruary. Em seguida, os viajantes passavam da bacia do Kuruwapi para a bacia do Wayapuku, pernoitando em Kurimakoty. Passavam pelo lugar da aldeia Kwamata, e depois acampavam perto da foz do igrapé Ypinã, e depois num lugar chamado Yarupa. Este era o porto onde eram deixadas as canoas. A partir deste lugar, ia-se de canoa pelo Oiapoque, passando o marco de fronteira que marca a confluência entre os dois formadores do Oiapoque, o Wayapuku e o Kwalaniéte. Demorava, então, aproximadamente 8 ou 9 dias para fazer o percurso inteiro.

O Pirawiri wanã

A área do Pirawiri era ocupada por um outro *wanã*, chamado de Pirawiri *wanã*. Este tem aparentemente dois formadores. O primeiro é composto do grupo da aldeia Tajusse, localizada nas nascentes do rio Kuruwapi, que ficam muito perto das cabeceiras de formadores do Pirawiri. Essa aldeia era liderada pelo cacique Pinory Ae, considerado um grande homem (o Waiwai o conheceu). Ele teve três filhos, e cada um foi cacique: Jami, Tapaka e Kapasi. Na morte dele, o grupo passou a ocupar o lugar chamado Aramirã, localizado na margem esquerda do rio Pirawiri, perto da cachoeira chamada Maripa ytu. Nesta aldeia morreu o irmão do Waiwai, chamado Kauri. Era uma aldeia com bastante população.

Outro formador do Pirawiri *wanã* é o grupo que ocupava a região do igrapé Ku'i (afluente de margem esquerda do Pirawiri ou curso superior do próprio Pirawiri). Estes ocuparam várias aldeias, dentro delas as chamadas Ku'i tapere, Passaypyr tapere ou Murumuru Singary tapere (do nome de um afluente pequeno do Ku'i, o Murumuru Singary). É com essa parte do Pirawiri *wanã* que o pai do Sisiwa estabeleceu as primeiras relações amiais. Depois do Ku'i, ou talvez ao mesmo tempo, esse grupo ocupou a área do igrapé Ypané.

As relações entre as aldeias do Ku'i e as do Inipuku chegaram a ficar bastante intensas. Por isso, abriu-se um caminho grande entre as duas áreas. Este saía da aldeia chamada Inipuku tapere, e seguia a margem esquerda do Inipuku até o primeiro acampamento, situado perto do lugar onde está localizada a aldeia atual de Najaty. Continuava seguindo o Inipuku, mas desta vez na margem direita, até o acampamento chamado Pinoty. Em seguida atravessava a serra chamada Ywata'y para chegar em outro acampamento chamado Tawari wry. Continuava acompanhando o curso superior do Inipuku até a foz do igrapé Ijakamy Wingwery, onde tinha outro acampamento. Atravessava então a montanha até o acampamento chamado Sipety, localizado perto da divisa atual da TIW, provavelmente não muito distante do marco da nascente do Inipuku. Depois de Sipety, chegava-se rapidamente às aldeias do Ku'i ou do Ypané.

Aparentemente, essas foram abandonadas depois que os moradores resolveram descer mais ainda o curso do Pirawiri por causa do chamado de índios Wayana que comerciavam com eles. Estes teriam explicado que era muito difícil chegar ao curso superior do Pirawiri por causa de cachoeiras no curso médio, e que seria muito mais fácil para as trocas se as aldeias ficassem localizadas rio abaixo. Fundou-se então a aldeia Parapisinã, que levou o seu nome porque fragmentos de louça branca (ou louça de branco) foram achados numa roça próxima.

Na época da aldeia Aramirã, existia outra aldeia grande, chamada Maripa ytu, situada próxima a cachoeira do mesmo nome. Era liderada pelo cacique Sarapó. Este tinha sido evangelizado e queria sempre congregar mais gente na sua aldeia. Por isso percorria muitas aldeias, inclusive na região do Inipuku, e as atraía para Maripa ytu. Um exemplo desses deslocamentos é o da aldeia Panaywyry, localizada no rio Aimã, que o seguiu até o Pirawiri. Infelizmente, muita gente morreu então de epidemia. Depois de um tempo, Sarapó resolveu mudar a localização da sua aldeia, indo para o lugar chamado de Ytawa, perto da foz do afluente de margem esquerda do Pirawiri que leva o mesmo nome. Foi pouco tempo depois de ter-se instalado nessa nova localização que Sarapó foi contatado de novo por missionários, que lhe propuseram de instalar-se na base que eles estavam deixando, a beira da pista Molocopote, no Alto Jarí. Era um lugar muito distante, mas eles prometeram que lá haveria assistência médica e possibilidade de um acesso melhor às mercadorias dos Brancos. Sarapó quis viajar para congregar mais gente para ir com ele, mas aparentemente não conseguiu. Ele então viajou para Molocopote com muita pouca gente, e acabou ficando isolado nesse novo lugar. Segundo o Waiwai, Sarapó era um orador muito convincente e “se ele pudesse viajar até a gente, provavelmente teríamos ido lá com ele...”.

Histórias correlatas:

- história do pai do Sisiwa: o pai do Sisiwa foi o primeiro a ir para o Pirawiri para fazer trocas. Na primeira viagem ele tinha muito medo e se aproximou muito devagar. Encontrou com o Ku'i wanã na metade do caminho. Depois de passar a tensão, ele mostrou que tinha trazido muitos produtos do artesanato do Inipuku. Disse ele “somos pobres, mas ainda assim vim dar muitos presentes para vocês...”. As pessoas do Ku'i Wanã foram felizes com a visita e retribuíram com numerosos presentes. Eram mercadorias que obtiveram dos Brancos: pano, facas, etc. O convidado não era acostumado com muitas das coisas que apresentaram a ele. Deram sal, mas ele provou e cuspiu: “isso não é comida!” os anfitriões riram muito. Em seguida deram um espelho, e ele se espantou com a sua própria cara. Mais gargalhadas dos anfitriões. Mais tarde, as trocas ficaram mais iguais. O pessoal do Inipuku aprendeu a fazer rapadura, a tirar o andiroba ou a tratar o urucum para que fique mais vermelho e dure mais tempo. Mas em troca eles deram a pupunha e ensinaram o pessoal do Ku'i a grudar as penas nas flechas com o leite da massaranduba.

- história da esposa do Waiwai: ela nasceu durante uma viagem de canoa entre a foz do Kuu (onde tinha a aldeia do cacique Makarapi, veja abaixo) e o Karekarety onde morava o Kuu wanã.

- história do Peru: o Peru viajava da aldeia Ypané rumo ao Parapisinã. Ele estava doente e morreu de gripe no caminho. As cinco pessoas que o acompanhavam o sepultaram a beira do caminho (lugar que nós marcamos durante a expedição). Uma das filhas do Peru ainda vive dentro da TIW.

- história da aldeia Kuu Rymya tapere: essa aldeia instalou-se na confluência entre o rio Kuu e o rio Jarí, sob a liderança do cacique Makarapi, um grande pajé. Era há muito tempo, os velhos de hoje não os conheceram. Era composta de gente que vinha do Amapari, mas tinham aldeia no Pirawiri antes de descerem para o Jarí. O filho do Makarapi era chamado Sansom. Ele levou o seu pessoal para Camopi.

- história da montanha Karanã tapere: essa montanha localiza-se abaixo da cachoeira Tukeny ytu, na margem esquerda do rio Kuu. Era habitada há muito tempo pelos índios Karanã, que foram derrotados pelos Wajãpi. Depois, uma aldeia Wajãpi passou a morar perto, e espantou-se com as tentativas dos Brancos para subir o rio. O pajé, que era muito forte, subiu em cima da montanha, fizeram festa de flauta ali. Ele fez um chamanismo que impediu os Brancos de subir o rio. Toda vez, naufragaram nas cachoeiras. Depois de um tempo, esse pajé saiu e foi para a cabeça do Amapari.

6. Mapas produzidos pela expedição

Reproduzimos a seguir os dois mapas elaborados sucessivamente em Aramirã, com os caciques Kasiripina e Sisiwa, e em Okakai, com o cacique Waiwai. O segundo deve ser considerado mais confiável em relação à localização das feições geográficas na região dos rios Pirawiri e Kuruwapi, enquanto o primeiro oferece mais detalhes sobre a região sul e sobre os caminhos que interligavam os três conjuntos do Inipuku, do Cuc e do Oiapoque (foram considerados corretos pelo Waiwai, por isso não os repassamos no segundo mapa).

O terceiro mapa que nos apresentamos (junto com um detalhe da área central) representa um esforço da nossa parte de adequar a geografia apontada pelos dois primeiros com os elementos de localização que temos, tal como, especialmente, a hidrografia do PNMT. Alguns elementos foram confirmados pela presente expedição (posição do Ypané, do Jawarary, da aldeia Parapisinã, etc.), mas muitos outros ainda devem ser verificados, pois a lógica da informação fornecida pelos nossos informantes nem sempre coincide com a lógica das feições geográficas (por exemplo, a importância de um igarapé tem mais a ver com as aldeias que ali existiram do que com o volume de água). Outros elementos, tais como as diferentes cachoeiras, simplesmente não são referenciados nas cartografias atuais, devendo portanto ser continuada a exploração da área dos rios Pirawiri e Kuruwapi, bem com as suas ligações com as regiões do Inipuku, ao sul, e do Oiapoque, ao norte.

Dentro dos pontos mais importantes a serem confirmados no futuro, seria a questão do rio Ku'i (afluente menor do Pirawiri ou curso superior dele ?), a localização das maiores cachoeiras (Maripa ytu e Jasitay ytu) e a confirmação de aldeias de maior importância histórica, tais como Kwatrarejoka tapere, Aramirã tapere, Kuruwapi tapere, etc.

grande interesse, sem dúvida isso só poderia ser feito depois de detalhar melhor a posição das antigas aldeias de maior importância que existiam na região do Cuc. De fato, esses caminhos só tinham como função a comunicação entre os três conjuntos e os itinerários deles só se firmaram por causa da continuidade da ocupação nos três lugares. Por outro lado, a abertura de uma trilha até o Oiapoque, mesmo temporária, implica em reticências tanto do lado das comunidades da T.I. Wajãpi, que expressaram o seu receio de que a intensificação das comunicações com os Wajãpi do Oiapoque possam resultar em problemas sociais, quanto do PNMT, que ressaltou que o Parque não poderia aceitar que a trilha seja percorrida sem estrito controle sobre a frequência e o número dos viajantes.

Sendo assim, achamos por bem focalizar as próximas expedições sobre a verificação minuciosa das informações coletadas durante essa primeira viagem, deixando a questão do percurso até o Oiapoque para o médio prazo, o que dará tempo para todas as partes envolvidas conversarem e adotarem uma posição comum a respeito.